

O RETRATO DE DORIAN GRAY, DE 1890: UMA LEITURA DO ROMANCE DE OSCAR WILDE ATRAVÉS DO PERIÓDICO *LIPPINCOTT'S MONTHLY MAGAZINE*

THE PICTURE OF DORIAN GRAY (1890): A READING OF OSCAR WILDE'S NOVEL THROUGH LIPPINCOTT'S MONTHLY MAGAZINE

Auricélio Soares Fernandes¹, Luiz Antonio Mousinho Magalhães²

RESUMO: *Esse artigo tem como objetivo apresentar um breve histórico da imprensa e das práticas de leitura na Era Vitoriana. Para tal, recorreremos à análise de alguns volumes do periódico norte-americano Lippincott's Monthly Magazine, que por quase cinquenta anos foi responsável por disseminar questões científicas, sociais, políticas e artísticas entre os leitores da classe média dos Estados Unidos e da Inglaterra. Assim, apontamos algumas considerações sobre como questões socioculturais presentes nessa revista podem estar relacionadas com a recepção crítica do romance O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, publicado no número 46 da revista. Nesse contexto, torna-se relevante apontar as contribuições de Bourdieu (2009), Chartier (1997), Pykett (1990), Brake (1997), Lorang (2010) e outros autores que discutem a indústria cultural literária e a importância das fontes históricas na formação ideológica e discursiva da obra literária.*

PALAVRAS-CHAVE: *O retrato de Dorian Gray; periódico; Lippincott's Monthly Magazine.*

ABSTRACT: *This article aims to present a brief history of the press and reading practices in the Victorian Age. In this research we analyze some volumes of Lippincott's Monthly Magazine, an American publication which for nearly fifty years was responsible for disseminating scientific, social, political, and artistic issues among the middle-class readers of the United States and England. Thus, we point out considerations about how some social and cultural issues addressed in this magazine may relate to Oscar Wilde's novel The Picture of Dorian Gray, published in Issue 46. In this context, we mention the contributions of Bourdieu (2009), Chartier (1997), Pykett (1990), Brake (1997), Lorang (2010) among other authors who discuss the literary cultural industry and the importance of historical sources in the ideological and discursive formation of the literary work.*

KEYWORDS: *The picture of Dorian Gray; magazine, Lippincott's Monthly Magazine.*

A Era Vitoriana, período histórico em que a Rainha Victoria assumiu o trono da monarquia britânica, é considerada a “era dos periódicos”. De 1837 a 1901, a Inglaterra

¹ Doutorando em Letras pela UFPB e professor assistente de Literaturas em Língua Inglesa e Literatura Comparada na Universidade Estadual da Paraíba.

² Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor associado da Universidade Federal da Paraíba.

atingiu seu apogeu econômico, social e cultural, quando o desenvolvimento tecnológico e industrial do país acarretou índices positivos de acesso à leitura e à informação. Em ambos os lados do Atlântico, jornais, folhetins, *penny dreadfuls*, periódicos e revistas eram os suportes comunicativos mais populares entre o público leitor daquele período e tornaram escritores como Charles Dickens, Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle aclamados no Ocidente.

Assim, nosso principal objetivo neste artigo é apresentar uma proposta de leitura do romance *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, publicado no periódico norte-americano *Lippincott's Gentleman Magazine* (1890), suporte no qual circulou a primeira versão impressa do romance vitoriano. Apontamos também que o romance de Wilde pode ser melhor compreendido se levarmos em conta uma discussão dos elementos historiográficos sobre a publicação do romance na revista, assim como questões da recepção crítica.

Como afirma Richard Ellmann (1988), responsável pela escrita da biografia mais conhecida de Wilde, a literatura vitoriana teve um sentimento diferente depois que *O Retrato de Dorian Gray* foi publicado. Esse fato provavelmente deve-se não só ao conteúdo do romance em si, mas também ao processo de publicação das duas edições da obra. A primeira, como apontamos aqui, se deu no periódico *Lippincott's Magazine* em 1890 e a segunda edição apenas em 1891, em livro, em que Oscar Wilde adicionou o seu famoso prefácio em forma de aforismos, explicando a intenção do livro e suas concepções estéticas.

Para este estudo, tivemos acesso *online* a diversos exemplares digitalizados das fontes primárias da *Lippincott's Monthly Magazine*, disponibilizados em sites acadêmicos do governo norte-americano e através destes fizemos nossa leitura crítica do suporte, buscando compreender como esse pode influir na compreensão do romance citado, pois como Roger Chartier (1997) aponta, a obra de arte escrita pode gerar inúmeras leituras dependendo do suporte em que é veiculada. Por outro lado, Seth Lerer e Joseph A. Dane (1995) apontam que “qualquer abordagem historicista da literatura [...] deve reconhecer [...] que um texto autoral existe social e historicamente como a obra do autor para um grupo particular de leitores” (p. 9)³, podendo esses relacionar o conteúdo escrito a diversos contextos de sua época.

1 A imprensa periódica no século XIX

Como sabemos, o século XIX assistiu à ascensão da burguesia e ao florescimento do romance como forma literária mais popular entre os leitores, diferente do século XVIII,

³ Any historicist approach to literature, [...] must recognize, [...] that an authorial text ... exists socially and historically as the author's (s') work to a particular group of readers”.

quando “o romance estava mais próximo da capacidade aquisitiva dos novos leitores da classe média do que muitas formas de literatura e erudição estabelecidas e respeitáveis, porém estritamente falando não era um gênero popular” (WATT, 2007, p. 40). Entretanto, no século XVIII, outras formas alternativas de contato com a “literatura” começaram a estar disponíveis para os leitores menos abastados. Publicações como folhetins, jornais, periódicos, panfletos e “folhetos contendo novelas cavalheirescas resumidas, novas histórias de crimes ou relatos de acontecimentos extraordinários por preços populares que variavam de um *penny* a seis *pence*” (WATT, 2007, p. 41).

A imprensa vitoriana da segunda metade do século XIX ainda não contava com a concretização da literatura como forma artística distinta, uma vez que muitos escritores que contribuíam para os periódicos daquele século eram também poetas, críticos, revisores e atuavam, ainda, como jornalistas, como aponta Geny Cândido (1983, p.15):

As múltiplas atividades a que se entregavam os [...] escritores, com passagem obrigatório pelo jornalismo, caminho seguro e certo de êxito pessoal, não deixavam lugar para o exercício literário livre e autônomo. [...]. Por isso tais escritores, se assim os podemos chamar, excursionaram pela poesia, pela oratória, pelo teatro, pela história, pela filosofia, pela jurisprudência, pelo folclore, sem personalizar-se. O jornalismo ligeiro que a tudo abafava, era o único gênero das letras que prometia uma recompensa financeira imediata e um certo grau de distinção aos que exerciam (apud BARBOSA, 2000, p. 16).

Essa realidade “multitarefã” dos escritores, especialmente durante o século XIX, tornara-se comum não apenas na Inglaterra, país em que autores prestigiados como Charles Dickens, William M. Thackeray e Oscar Wilde trabalhavam também como revisores de literatura e escreviam *essays* e artigos que abordavam temáticas diversas como política, moda e filosofia. Oscar Wilde, por exemplo, de 1885 a 1890 “escreveu anonimamente mais de setenta críticas de livros para a *Pall Mall Gazette* de W.T. Stead, entre novembro de 1887 e 1889 ele foi editor da *Woman's World*”, uma das revistas de moda e comportamento mais conhecidas da classe média vitoriana e ainda contribuiu com um grande número de textos, alguns assinados, outros não, para jornais e revistas (STOKES, 2004).

A contribuição de Oscar Wilde para jornais e revistas do período vitoriano se deu na fase anterior à publicação do seu único romance, *O retrato de Dorian Gray*, em 1890. Nesse período, Wilde escreveu e publicou os artigos como *The Philosophy of Dress*⁴, que apareceu

⁴ O ensaio é o tratado de Wilde sobre a reforma da vestimenta vitoriana e sua relação com a arte em que ele expande sua palestra pública intitulada “Vestido”, que foi uma das várias palestras proferidas na Grã-Bretanha e na Irlanda entre 1883 e 1888. Com este ensaio, Wilde anunciou-se como um escritor comercial: era o primeiro trabalho por ele preparado como uma composição para publicação específica e separada e a única parte de seu

no jornal *The New York Tribune* em 1885; à época o autor estava a excursionar nos Estados Unidos, proferindo palestras sobre Artes, Literatura e Esteticismo, corrente artístico-filosófica em que ele é um dos pioneiros na literatura inglesa.

Por outro lado, é importante apontar que até meados da década de 1850 muitos “periódicos se preocupavam em revisar a literatura em vez de publicá-la, exceto sob a forma de crítica; mas esses faziam parte do circuito de comunicação, ligados à resenha de livros contemporâneos publicados e a anúncios de editoras” (BRAKE, 1997, p. 59 – tradução nossa)⁵ e outras diversas fontes de publicidade, como veremos adiante na discussão da revista *Lippincott's Magazine*. Além disso, “a persistência da aliança entre a imprensa periódica e a “literatura” e sua forma, o ensaio, diante das incursões pelo impulso democratizante do jornalismo e do mercado popular” (BRAKE, 1997, p. 64 – tradução nossa)⁶, tornaram o período vitoriano na era do ensaio. Brake (1997) acrescenta que a imprensa periódica vitoriana criou um grande mercado de leitores não só dos gêneros romance, conto e ilustração, mas principalmente o do ensaio, o que levava muitos escritores e críticos a se aperfeiçoarem no gênero e a criar uma numerosa matriz desse gênero, hoje raramente lido ou estudado.

Também é nesse período que se disseminam as melhores publicações em série: “literatura, argumentos, gostos e preocupações de quase todos os níveis e tipos da sociedade, todos se estampam nos jornais e revistas. Por outro lado, os periódicos são um meio de construir a opinião e a identidade” (PYKETT, 1990, p.06 – tradução nossa)⁷. O autor discorre que a imprensa vitoriana, baseada majoritariamente na publicação periódica, é um retrato da sociedade daquela época e não tem apenas o objetivo de instruir os leitores, mas levantar ideias e debates sociais que se faziam presentes naquele dado momento. Como exemplo, temos uma maior participação da autoria feminina nas revistas, debates filosóficos sobre questões que preocupavam ou faziam parte do imaginário vitoriano, como astrologia, espiritismo e o sobrenatural, que frequentemente eram tópicos de interesse em revistas e jornais vitorianos.

jornalismo que detinha *copyright*. Fonte: <<https://archive.org/details/ThePhilosophyOfDress>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

⁵ periodicals as a whole were largely concerned with reviewing literature rather than publishing it, except in the form of criticism but they were part of the communication circuit, tied as they were to the reviewing of contemporary published books and the adverts of publishers.

⁶ the persistence of the alliance between the periodical press and 'literature' and its form, the essay, in the face of the incursions on its patch by the democratizing thrust of journalism and the popular market.

⁷ literature, argument, the tastes and preoccupations of just about every level and sort of society, all display themselves in the newspapers and journals. On the other hand, periodicals are a means of constructing opinion and identity.

Ademais, as inquietações sociais e culturais de um determinado contexto histórico podem servir como caminho para a interpretação e recepção de uma obra, pois participam de sua constituição ideológica e nos podem fornecer normas através das quais se compreenda e delimite o texto (FARIAS, 2013) em seu processo de construção histórica. Margaret Beetham (1990) também concorda com essa argumentação: “Cada artigo, cada número de um periódico, foi e é parte de complexo processo em que escritores, editores, editoras e leitores se engajavam para tentar entender a si mesmos e sua sociedade” (p. 20)⁸, ou seja, a imprensa periódica poderia funcionar não só como um sistema de comunicação e de mercado, que começou a surgir com a modernidade e civilização do mundo através do contato com a leitura, mas também como um sintoma da sociedade da época, quando costumes, interesses científicos, sociais, artísticos e, principalmente, ideológicos eram também expressos através da imprensa. Nesse sentido, Roger Chartier (1990) afirma ser “necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor” (p. 127), uma vez que os autores não escrevem livros e sim textos abertos às diferentes recepções críticas de um determinado momento histórico.

2 Sobre o periódico *Lippincott's Monthly Magazine*

A *LMM*⁹ foi uma revista periódica semestral americana fundada em 1868 na cidade da Filadélfia, mas que posteriormente passou também a ser publicada na Inglaterra. Durante seu período de atividade, a *Lippincott's Monthly Magazine* mudou seu título três vezes: *Lippincott's Magazine of Literature, Science and Education* (de 1868 a 1871), *Lippincott's Magazine of Popular Literature and Science* (de 1871 a 1885) e de 1886 a 1915 *Lippincott's Magazine of General Literature, Science and Politics*. Em 1915 transferiu-se para Nova Iorque e mudou seu título mais uma vez para *McBride's Magazine*, fundindo-se posteriormente com a *Scribner's*, em 1916.

Ao longo de sua história, a *Lippincott's Monthly Magazine* publicou crítica literária, obras originais, artigos e anúncios. Muitos autores ingleses da segunda metade do século XIX tiveram suas obras publicadas na revista. É o caso das obras *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, *A Luz que se Apaga*, de Rudyard Kipling e *O Sinal dos Quatro*, de Sir Arthur

⁸ Each article, each periodical number, was and is part of a complex process in which writers, editors, publishers and readers engaged in trying to understand themselves and their society.

⁹ Por vezes, também utilizaremos essa abreviação, *LMM*, para nos referirmos à *Lippincott's Monthly Magazine*.

Conan Doyle, além de outras histórias de Sherlock Holmes que foram publicadas no ano de 1890, nos números 45 e 46 do periódico.

Nos seus primeiros três anos, a revista publicava artigos sobre questões relativas à educação, como vemos no volume 4, lançado entre julho e dezembro de 1869, que trazia artigos sobre o *Dicionário Clássico da Linguagem Vulgar*, de Grose e o artigo moralista *Shall He Be Educated?*, de William H. Hooper.

No volume 37 (Jan. – Jun./1886), a revista apresenta um artigo da aclamada escritora vitoriana Mary Ann Evans, mais conhecida pelo pseudônimo masculino de George Eliot. Em “Criticism of her Contemporaries”, Eliot escreve críticas altamente positivas sobre os maiores nomes da literatura vitoriana contemporânea. Eliot enaltece o poeta Alfred Lord Tennyson como o maior poeta vitoriano, colocando-o como “uma voz para as lutas e para pensamentos de longo alcance do século XIX, que tem qualidades artísticas supremas que fazem dele um poeta para todas as eras” (p. 20)¹⁰, resenha o romance *Tempos Difíceis*, de Charles Dickens e poemas de Charles Kingsley; enaltece o escritor e crítico de arte John Ruskin e sua obra máxima *Modern Painters*, na qual a autora destaca o realismo como uma “doutrina de que toda verdade e beleza devem ser alcançadas por um estudo humilde e fiel da natureza, e não por substanciar formas vagas, criadas pela imaginação nas névoas do sentimento, em vigor de realidade definida e substancial” (1886, p. 31 – tradução nossa)¹¹. As críticas de Eliot corroboram a acepção do realismo como estilo artístico mais popular da Era Vitoriana (CAUWENBERGE, 1996).

Em outro volume da *LMM*, desta vez o volume 42 (Jul – Dez/1888), o artigo “The Morality in Fiction”, assinado por Edgar Saltus, faz uma revisão da literatura mundial, de Goethe a Zola e Victor Hugo, de Nathaniel Hawthorne e seu romance *A Letra Escarlata* à novela *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, que tinha sido lançada em Londres cerca de um ano e meio antes. O autor pensa “educar” os leitores da revista, ao se posicionar moralmente sobre a literatura e a questão didática, mas declara: “Vocês, senhores e senhoras, que fazem o escritor ter a honra de ler essas linhas, estão seguramente bem informados; ainda que tenham uma grande dúvida, deem uma olhada na lata de lixo da ficção” (SALTUS, 1888, p. 713)¹². No texto completo, o autor também admite que o segredo da moralidade na ficção consiste “menos nas situações sugeridas do que nos sentimentos que elas despertam”

¹⁰ a voice to the struggles and the far-reaching thoughts of this nineteenth century, has those supreme artistic qualities which must make him a poet for all ages

¹¹ the doctrine that all truth and beauty are to be attained by a humble and faithful study of nature, and not by substituting vague forms, bred by imagination on the mists of feeling, in place of definite, substantial reality.

¹² You, sir, and you, madam, who do the writer the honor to read these lines, are assuredly better informed; yet have you a lingering doubt, then let him pray you, take a glance through the dust-bins of fiction.

(SALTUS, 1888, p. 713)¹³. Dessa forma, vemos também a preocupação da revista em instruir moralmente o público leitor e não apenas informar, uma vez que o periódico visava “atingir o tipo de público da classe média que se pretendia educado” (TOFFOLI, 2013, p. 93). Além disso, os artigos de Saltus e Hooper podem nos fazer refletir sobre a excessiva preocupação vitoriana com a moral e os bons costumes da sociedade.

Entre 1868 e junho 1869, a revista apresentava praticamente apenas 4 partes fixas: (1) *Poetry*, parte destinada à poesia e poemas de estilos diversos, na qual a autoria feminina era predominante; (2) *Our Monthly Gossip*, parte da revista que apresentava textos diversos sobre assuntos científicos, sociais, raciais, culturais, financeiros, etc, que hoje podemos definir como artigos de opinião de “especialistas” das áreas de interesse da revista e (3) *Literature of the Day*, que apresentava críticas de livros de distintos gêneros como filosofia, artes, religião e literatura, principalmente. Entretanto, em partes alternadas de toda a revista, podemos conferir (4) *Essays*, artigos de diferentes temáticas não alocados em uma determinada seção. Esse gênero tornou-se a contribuição jornalística e crítica mais importantes do periódico.

A sessão *Fiction*, no entanto, iniciou a partir do volume 4 e durou até o volume 12 (1873). Abarcava gêneros e estilos de narrativas como novelas, romances e contos. Havia, ainda, nas primeiras edições, a seção *Tales*, na qual eram publicados contos de autores de todo o mundo.

A partir de 1886 foi adicionada ao periódico a seção *Book-Talk*, na qual diversos colaboradores discutiam livremente sobre os livros lançados no período. No entanto, essa seção não tinha o objetivo crítico como os outros artigos (*Essays*) apresentados na revista. Nesse mesmo ano, a revista abriu o espaço *Current Notes*, que divulgava cartas dos leitores, que opinavam sobre os diversos artigos e literatura presente nas páginas da *Lippincott's Magazine*.

Entre os mais variados artigos da *LMM*, havia também imagens de pinturas em preto e branco de movimentos artísticos a florescer na Europa, principalmente na Inglaterra e França. A revista também apresentava em suas edições relatos de viagens, acompanhadas de gravuras, o que era muito comum na época.

No entanto, em todos os números da *Lippincott's Magazine* que analisamos, percebemos que não há uma sequência das seções arranjadas, como, por exemplo, a novela *Magdalena*, do autor(a) E. Marlitt, que é publicada em três partes da revista (das páginas 211-225, 319-326 e 441-448). Nesses intervalos, há artigos dos mais diversos assuntos, resultando,

¹³ less in situations suggested than in the sentiments which those situations arouse.

assim, numa quebra de sentido da leitura. Pela ordem da revista, um leitor poderia ler quatro capítulos de um romance, depois um artigo sobre Artes, seguido de uma biografia de algum autor/escritor/pensador, depois um poema, uma crítica de um romance, para então voltar a ler novamente os capítulos restantes do romance, em partes intercaladas da revista.

Nos quase 50 anos que foi publicada, a *Lippincott's Magazine* teve um alcance nacional maior do que o jornal *The Atlantic*, mas suas contribuições eram também similares às do jornal (LIPPINCOTT'S MAGAZINE, 1941, p. 422). Durante a década de 1880, a *Lippincott's* distinguiu-se na imprensa como o primeiro periódico nos Estados Unidos a publicar ficção inglesa. Muitos escritores e pensadores prestigiados do século XIX como Henry James, Julian Hawthorne, Stephen Crane, Walt Whitman, Conan Doyle, George Eliot e John Ruskin contribuíram para as páginas do periódico com textos literários, artigos e críticas.

3 O Retrato de Dorian Gray e o periódico Lippincott's Magazine

O romance *O Retrato de Dorian Gray* tornou-se um tipo de “bíblia decadente” do *fin-de-siècle* da Era Vitoriana. Mal recebida por boa parte da crítica inglesa da época, a narrativa, através da sutil ironia de Oscar Wilde, explora conflitos filosóficos e sociais existentes na sociedade inglesa do século XIX: o lado duplo do matrimônio, a decadência do ser humano, hipocrisia e queda da moral. Ao representar as relações masculinas dos personagens, o autor utilizou uma linguagem “codificada” para retratar uma relação homoerótica do protagonista no romance com o pintor. Além do próprio nome do protagonista, Dorian, referência ao amor “dórico”, relacionado à tradição dos gregos antigos, que seria a relação de um homem mais velho com outro mais jovem, como seu amante, Wilde provocou uma hostilidade na recepção da obra naquele período devido às noções convencionais acerca da sexualidade masculina no período vitoriano (SILVA FILHO, 2004).

Após muitas reações negativas ao romance, principalmente na Inglaterra, Oscar Wilde é sentenciado à prisão no ano de 1895, no auge de sua fama, acusado pelo crime de “flagrante indecência”. Durante o julgamento, *O Retrato de Dorian Gray* foi utilizado como prova para incriminá-lo, tornando-se a primeira obra literária inglesa a ser utilizada como prova criminal em um julgamento. Caso semelhante ocorreu na França com o romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (ELLMANN, 1988). Nesse contexto, torna-se relevante também informar que antes das duas publicações de *O Retrato de Dorian Gray*, no ano de 1885, em Londres,

era aprovada uma lei criminal que tornava qualquer prática homossexual ilegal, a chamada Emenda Labouchère¹⁴.

Entretanto, o único romance de Wilde veio primeiramente ao conhecimento público na *Lippincott's Magazine*, no volume 47 (jul-dez, 1890), e a versão em livro, apenas em 1891. A edição do romance que esse artigo discute trata-se da versão de 1890, aquela que Wilde submeteu à *Lippincott's Magazine*, antes da publicação e que, por motivos de censura, foi redigida por seu autor e outros editores da revista. Essa edição do romance levou muitos críticos literários ingleses a definir a obra como “suja”, “indecente”, “imoral”.

Na verdade, a ideia para a publicação do romance na revista surgiu da seguinte maneira:

Em 30 de agosto de 1889, J. M. Stoddart, editor-chefe da *Lippincott's Monthly Magazine*, com sede em Filadélfia, deu um jantar em Londres para Wilde e Arthur Conan Doyle. O plano de Stoddart era solicitar histórias e, em 1890, publicou o segundo romance de Sherlock Holmes de Conan Doyle, *O Sinal dos Quatro*. Com um adiantamento de £ 200 por 30.000 palavras, Wilde enviou o conto de fadas "O Pescador e sua Alma" em 1889. Mas quando Stoddart pediu um texto duas vezes mais longo, Wilde começou a trabalhar em *O Retrato de Dorian Gray*.¹⁵

Na edição de número 47 da *LMM*, percebemos que *O Retrato de Dorian Gray* é o primeiro texto e ocupa as páginas de 1 a 100 da revista. Em específico nessa edição, que é uma das mais consagradas e populares, a obra mais conhecida de Wilde é publicada sem censura. Acerca da primeira versão da obra publicada na *Lippincott's*, Frankel (2013) argumenta:

A versão do romance reproduzida [na revista] segue o texto datilografado e revisado por Wilde: representa a obra tal qual Wilde a concebeu na primavera de 1890, antes que [o editor] Stoddart começasse a usar seu lápis e antes que Wilde a autocensurasse quando posteriormente a revisou e aumentou para a publicação em forma de livro pela Ward, Lock, and Company. O resultado é um romance mais ousado e escandaloso, mais explícito em seu conteúdo sexual e, por tal motivo, menos propenso que as duas versões posteriormente publicadas a aderir às convenções vitorianas (p. 30).

Para “adequar-se” às normas sociais e culturais da *Lippincott's*, boa parte do conteúdo eliminado por Stoddart, originado do primeiro manuscrito de Oscar Wilde, foram atos de censura e questões relacionadas à natureza tanto hetero como homossexual: trechos que provavelmente revelavam as afeições homoeróticas de Basil Hallward por Dorian Gray e conteúdos e expressões que destacavam a possível homossexualidade do personagem

¹⁴ Tratava-se de uma lei que tornava ilegal os atos sexuais entre homens no Reino Unido. Emenda criada logo após o escândalo da Cleveland Street que ocorreu em 1889, quando um bordel para homens homossexuais foi descoberto pela polícia na Cleveland Street, no bairro londrino de Fitzrovia.

¹⁵ Fonte: <<https://www.bl.uk/collection-items/the-picture-of-dorian-gray-as-first-published-in-lippincotts-magazine#sthash.tCcYc0JK.dpuf>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

principal. Além desses elementos, Stoddart também decidiu por eliminar passagens que, a seu ver, pudessem incitar à homossexualidade promíscua ou ilícita, como as referências às amantes de Dorian Gray¹⁶. Nessa ocasião, Stoddart estava preocupado com a influência do romance tanto sobre as mulheres quanto sobre os homens, acabando também por omitir muitas passagens que indicassem a decadência da moral e dos costumes.

Seguidor do Esteticismo, “movimento artístico [...] que pretendia libertar a arte da moralidade, da política e da determinação social” (LITTLE, 2010), Oscar Wilde, após ver tantas críticas negativas ao seu romance, edita-o, excluindo desse alguns trechos considerados *imorais* na primeira publicação e, em 1891, decide republicar o romance numa versão mais aceitável para os padrões da literatura vitoriana. No entanto, a segunda versão contém um prefácio no qual Wilde, através de aforismos, tenta explicar o processo de criação artística do romance, “ensinando” os críticos, que para ele não sabiam avaliar uma obra de arte, a procurarem a beleza da (sua) Arte. Ademais, como escreve Toffoli (2013), a versão do romance “veiculada na *Lippincott's Magazine* havia sido encomendada para exemplificar as concepções estéticas de Wilde, àquela época, um autor bastante famoso e controverso” (p. 93) na Inglaterra. Provavelmente foram esses mesmos conceitos artísticos materializados em *O Retrato de Dorian Gray* e disponíveis pela primeira vez para um maior público leitor no periódico *Lippincott's Magazine* que suscitaram tantas reações críticas negativas com relação ao romance.

A crítica vitoriana esperava que uma obra literária refletisse a realidade de maneira autêntica, com o autor anexando uma mensagem moral a essa imitação da realidade. Para representar o mundo autenticamente, os autores só podiam expressar suas próprias experiências e observações pessoais da vida. Nesse tipo de crítica literária, a sinceridade do autor determinava o valor da obra literária, enquanto a forma artística era considerada um meio e não o fim. [...] Não é de surpreender que o esteticismo de Wilde colidisse com essa visão mimética e moralista da literatura. Em sua poética, a estética dominou o realismo e a moral (CAUWENBERGE, 1996, s./p.- tradução nossa)¹⁷.

Além dessas questões, a edição da *LMM* publicada em julho de 1890 pode fornecer elementos para uma melhor interpretação do contexto histórico e crítico do romance, principalmente pelas sessões temáticas de interesse que a revista abordava como política,

¹⁶ Fonte: Harvard University Press Blog: <https://harvardpress.typepad.com/hup_publicity/2011/02/textual-history-picture-of-dorian-gray-frankel.html>. Acesso em: 22 nov. 2018.

¹⁷ Victorian critic expected a literary work to reflect reality in an authentic way with the author attaching a moral message to this imitation of reality. In order to represent the world authentically, authors were only allowed to express his their own experiences and personal observations of life. In this type of literary criticism, the sincerity of the author determined the value of the literary work, whereas the artistic form was considered to be a means and not the end. Not surprisingly, Wilde's aestheticism clashed with this mimetic and moralistic view of literature. In his poetics, aesthetics dominated realism and morals.

literatura, artes, sociedade, religião e ciência. Outros artigos publicados nesse número também podem se interligar com o enredo do romance e, principalmente, com o imaginário cultural e social dos Estados Unidos e da Inglaterra no final do século XIX. Dentre eles, estão os artigos “Types in Fiction”, “A Revolution from Realism”, “The Cheiromancy of To-day”, breves matérias sobre numerologia, etiqueta, simbologia, vocabulário e folhetos de terror sensacionalistas (*penny dreadfuls*).

Dessa forma, o caráter multidisciplinar do periódico *Lippincott's Magazine* pode nos guiar a uma melhor compreensão do romance wildeano. Lorang (2010) aponta que em todos os níveis da cultura vitoriana a literatura imaginativa foi integrada na cacofonia dos discursos como ilustrada no formato de revista que era intrinsecamente o que hoje chamamos de intertextual e multidisciplinar. Entre os artigos na revista, “The Cheiromancy of To-day” dialoga diretamente com a atmosfera sobrenatural de *O Retrato de Dorian Gray*. Além do mais:

Trabalhando para fora da edição de julho de 1890 de Lippincott, [...] [Nós] consideramos a imagem de Dorian Gray dentro do contexto de outros artigos na revista ao lado de que a novela apareceu primeiramente, a fim realçar nossa compreensão da novela de Wilde e a revista. Ler *Dorian Gray* ao lado de "The Cheiromancy of To-Day", "The Dead Man's Diary" e "The Indissolubility of Marriage", três textos de extensão, gênero e propósito distintos. Isso ilustra claramente a forma como os componentes individuais de uma revista atuam como interlocutores discursivos, intertextuais, as ideias em uma gravura, envolvendo, enriquecendo, e complicando ou contradizendo as ideias do outro (LORANG, 2010, p. 22 – tradução nossa)¹⁸.

Um fato interessante sobre o artigo “The Cheiromancy of To-day” e seu autor, Edward Heron-Allen, é que o mesmo era o mais famoso quiromancista e místico da era vitoriana e dava palestras ao redor do mundo sobre essa arte. Além de amigo de Oscar Wilde, Heron-Allen também fazia parte dos círculos intelectuais da alta sociedade de Londres. Ademais,

Em 1890, a quiromancia era um assunto popular em ambos os lados do Atlântico. No final das décadas de 1880 e 1890, os artigos sobre quiromancia e adivinhação frequentemente apareciam na imprensa periódica, inclusive nas revistas *Cosmopolitan*, *Frank Leslie's Popular Monthly*, *Godey's Lady's Book*, *Harper's Bazaar*, *the Ladies' Home Journal*, *Pearson's Magazine*, *Peterson's Magazine*, *the Phrenological Journal*, and *the Universal Review*, entre outros (LORANG, 2010, p. 22 – tradução nossa)¹⁹.

¹⁸ Reading *Dorian Gray* alongside "The Cheiromancy of To-Day," "A Dead Man's Diary," and "The Indissolubility of Marriage," three pieces of diverse length, genre, and purpose, illustrates clearly the way in which the individual components of a magazine act as discursive, intertextual counterparts, the ideas in one drawing on, engaging, enriching, and complicating or contradicting ideas in another.

¹⁹ By 1890, cheiromancy was a popular subject on both sides of the Atlantic. In the late 1880s and 1890s, articles on palmistry and fortune-telling frequently appeared in the periodical press, including in the *Cosmopolitan*,

Nesse artigo de Heron-Allen para a *Lippincott's*, há um guia que ensina o passo a passo para prever, através das mãos, o futuro de outra pessoa, que logo dialogam com alguns trechos de *O Retrato de Dorian Gray*. No romance Oscar Wilde, as mãos também podem apresentar um significado atrelado ao misticismo de Heron-Allen, pois é através delas que se dão os primeiros contatos com os personagens como podemos ver nos diálogos a seguir, retirados apenas do primeiro capítulo do romance publicado na *Lippincott*.

(1) - Você deve me achar muito bobo de pensar assim, não é?

- De forma alguma – respondeu Lord Henry, pousando a *mão* no ombro do amigo.

(2) [...] Odeio a maneira como você fala da sua vida de casado, Harry – disse Basil, livrando-se *da mão* dele.

(3) - Conheço, ela é uma pavoia em tudo, menos na beleza – disse lorde Henry, despedaçando o lilás com seus *dedos longos e nervosos*.

(4) Lord Henry passou *a mão* pela barba castanha e pontiaguda, *tocando* a biqueira da bota de verniz [...] (WILDE, 2013, p. 81-91 – grifos do autor).

Segundo o artigo *The Cheiromancy of To-day*, de Heron-Allen, “Pessoas com dedos longos gostam de detalhes, são cuidadosas com as roupas, respeitáveis e irritadas” (HERON-ALLEN, 1890, p. 106 – tradução nossa)²⁰. Podemos, a partir do artigo, fazer uma leitura da caracterização do personagem Henry Wotton, que, de fato, é descrito como observador e vaidoso, principalmente por ser um dândi decadente.

O que nos interessa aqui não é relacionar o artigo Heron-Allen com a caracterização de um dos personagens do romance de Oscar Wilde, mas discutir como o artigo, além de outros presentes nessa e em outras edições anteriores da revista, aborda a sociedade e as crenças do contexto vitoriano. Oscar Wilde pode ter tido contato com essas e outras práticas místicas que despertavam interesse da sociedade vitoriana e ter incorporado tais elementos estilísticos e temáticos em *O Retrato de Dorian Gray*. “Tais questões guiam nossas investigações nos elementos da própria textualidade. São figuras-ilustrações, marginalia, textos iniciais de histórias” (LERER e DANE, 1995, p. 2 – tradução nossa)²¹ e como o editor incorpora essas informações que podem auxiliar da recepção de um texto.

Roger Chartier (1996) também afirma que é importante levar em conta os diversos e distintos significados da leitura, do leitor e de todas as etapas constitutivas, do autor ao leitor e,

Frank Leslie's Popular Monthly, Godey's Lady's Book, Harper's Bazaar, the Ladies' Home Journal, Pearson's Magazine, Peterson's Magazine, the Phrenological Journal, and the Universal Review, among others.

²⁰ Persons having long fingers are fond of details, careful in dress, dignified and irritable.

²¹ Such questions guide our inquiries into the elements of textuality itself. Are pictures-illustrations, marginalia, historiated initials-texts

Pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também, pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (p. 178).

Além desses fatores, também é relevante conhecermos as formas de circulação do texto literário na época e nos veículos originais nos quais foram publicados, e os mais diversos modos como os leitores se apropriam deles. Ainda, concordamos com as palavras de Martins (2008 apud FARIAS, 2013, p. 158) que comenta acerca da relevância de levarmos em conta os critérios de produção, negociação, revoluções técnicas e capital envolvidos no processo da imprensa, principalmente no século XIX, quando “o interesse e promoção na coleta, edição e publicação de material vernacular foi um testemunho da grande mudança na pesquisa textual” (GREETAM, 2017, p. 34 – tradução nossa)²², até então baseada praticamente em produzir textos clássicos e bíblicos no Ocidente.

Porém, o processo de publicação do romance *O Retrato de Dorian Gray* diz muito mais sobre o livro do que o próprio romance. Nesse contexto, pensamos a importância das palavras de Lorang (2010):

Ao lado de sua participação no diálogo cultural sobre as interseções do ocultismo e da ciência, arte e ciência e adivinhação do caráter via ciência ou ocultismo, a *Lippincott* de julho de 1890 participa na discussão da moralidade que veio definir os últimos anos do século XIX. Dentro desse diálogo, as questões de julho de 1890 avançam uma moralidade tradicional e potencialmente abalam tal assunto. É preciso considerar essa rica conversa intertextual e registro que marcou a primeira aparição do romance dentro do texto-periódico. Tal reconhecimento é particularmente crucial para o avanço da compreensão do romance como foi publicado pela primeira vez (p. 31 – tradução nossa)²³.

Assim, “no momento de uma verdadeira indústria cultural e, em particular, a relação que se instaura entre imprensa cotidiana e a literatura, favorecendo a produção em série de obras elaboradas segundo o método semi-industrial [...]” (BOURDIEU, 2009, p. 102), percebemos a importância da pesquisa de fontes históricas para compreendermos que “literatura e contexto não podem mais ser vistos como entidades separadas ou separáveis. É mais provável que sejam vistos como elementos indivisíveis de um sistema signifiante, ou

²² This interest in, and promotion of, collecting, editing, and publication of vernacular materials was a testimony to the major shift in textual scholarship

²³ Within this dialogue, the July 1890 issues advance both a traditional morality and potentially shakes this traditional morality. One must consider this rich, intertextual conversation and record that marked the novel's first appearance within the periodical-text. Such an acknowledgment is particularly crucial for advancing understanding of the novel as it was first published.

formação ideológica ou discursiva” (PYKETT, 1990, p. 8)²⁴ – tradução nossa, uma vez que concordamos que “as linhas entre as disciplinas não se tornaram apenas ofuscadas, mas sim dissolvidas para constituir outras, multidisciplinares, tais como estudos culturais com a sua capacidade de ‘pensar’ as conexões entre cultura e sociedade de forma não-redutora” (BENNET, 1981 apud PYKETT, 1990, p. 8 – tradução nossa)²⁵.

Dessa forma, nas palavras de Chartier (1997), a obra escrita pode acarretar diversas interpretações, dependendo do suporte em que é publicada, e, assim, mudam-se as expectativas dos editores e os sentidos e interpretações do público, gerando novos significados para quem tem acesso a diferentes formas de leitura.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornalismo e literatura no século XIX: uma história*. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.
- BEETHAM, Margareth. Towards a theory of the periodical as a publishing genre. In: BENNETT, Tony. *et al.*, (eds), *Culture, ideology and social process* (Milton Keynes, 1981). In: PYKETT, Lyn. *Reading the Periodical Press: text and context*. London: Macmillan, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sergio Miceli. Ed. 2. Reimp. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRAKE, Laurel, JONES, Aled and MADDEN, Lionel (editors). *Investigating Victorian journalism*. Great Britain: Macmillan, 1990.
- _____. Writing, cultural production, and the periodical press in the nineteenth century. In: BULLEN, J.B. *Writing and Victorianism*. New York: Longman, 1997.
- CAUWENBERG, Koen Van. The Ambivalence in Oscar Wilde's *The picture of Dorian Gray* and its relation to postmodernism. Universiteit Gent Germaanse Talen. Bélgica, 1995-1996. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: http://oscarwilde.projectx2002.org/contents_dissertation.htm. Acesso em: 21 nov. 2018.
- CHARTIER, Roger. Crítica textual e história cultural: o texto e a voz, séculos XVI – XVII. *Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil*. Campinas, São Paulo, n.30, dez, 1997. p. 67 –75.
- _____. (org.). *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- ELIOT, George. Criticisms on her contemporaries. In: *Lippincott's Monthly Magazine*. Volume 37 (Janeiro a Dezembro, 1886). Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pst.000020208011;view=1up;seq=5>. Acesso em: 25 nov. 2018.

²⁴ Literature and context can no longer be seen as separate or separable entities. They are more likely to be viewed as indivisible elements of a signifying system, or ideological or discursive formation.

²⁵ the lines between disciplines have not simply become blurred, they have been dissolved to constitute multidisciplinary disciplines such as cultural studies with its 'capacity ... to "think" the connections between culture and society non-reductively.

ELLMANN, Richard. *Oscar Wilde*. Nova York: Vintage Books, 1988.

FARIAS, Virna Lúcia Cunha de. *Machado de Assis na imprensa do século XIX: práticas, leitores e leituras*. Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPB. João Pessoa, 2013. (Tese de Doutorado).

FILHO, Antonio Carlos Pacheco e Silva. *Cinema e literatura: estrutura emocional de alguns criadores e suas obras*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FRANKEL, Nicholas. Introdução Geral. In: WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Trad. Jorio Dauster. Ed. Anotada e não censurada. São Paulo: Globo, 2013.

GREETAM, David. A history of textual scholarship. In: *The Cambridge Companion to textual scholarship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HERON-ALLEN, Edward. The cheiromancy of to-day: the evolution of an occult science. In: *Lippincott's Monthly Magazine*. Volume 46 (July to December, 1890). Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pst.000020206048;view=1up;seq=112>>. Acesso em: 24 nov. 2018. p. 102-109.

LERER, Seth and DANE, Joseph A. What is a text? In: *Huntington Library Quarterly*, Vol. 58, No. 1, Reading from the Margins: Textual Studies, Chaucer, and Medieval Literature (1995), pp. 1-10. University of California Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3817894>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LIPPINCOTT'S Magazine. In: *The Oxford companion to the American literature*. 1st ed. London, New York, Toronto: Oxford University Press, 1941. p. 422.

LITTLE, Stephen. ...Ismos para entender a arte. São Paulo: Globo, 2010.

LORANG, Elizabeth. The picture of Dorian Gray in context: Intertextuality and "Lippincott's Monthly Magazine". *Victorian Periodicals Review*, Vol. 43, No. 1 (SPRING 2010), pp. 19-41. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25732085>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

PYKETT, Lyn. Reading the Periodical Press: Text and Context. In: BRAKE, Laurel, JONES, Aled and MADDEN, Lionel (editors). *Investigating Victorian journalism*. London: Macmillan, 1990.

SALTUS, Edgar. The morality in fiction. In: *Lippincott's Monthly Magazine*. Volume 42 (Julho a Dezembro, 1888). Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433081683736;view=1up;seq=9>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

STOKES, John. Wilde the journalist. In: RABY, Peter. *The Cambridge companion to Oscar Wilde*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

TOFFOLI, Tânia. *O retrato de Dorian Gray: um romance em três tempos, circulação entre Inglaterra e Brasil*. Campinas, SP: [s.n.], 2013. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*: edição anotada e sem censura. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Globo, 2013.

VOLUMES consultados do periódico *Lippincott's Monthly Magazine*
Lippincott's Monthly Magazine. Volume 7 (Janeiro a Dezembro, 1871). Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.b5213329;view=1up;seq=6>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

_____. Volume 37 (Janeiro a Dezembro, 1886). Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pst.000020208011;view=1up;seq=5>>. Acesso em: 05 set. 2017.

_____. Volume 42 (Julho a Dezembro, 1888). Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433081683736;view=1up;seq=9>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

_____. Volume 46 (July to December, 1890). Disponível em:
<<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pst.000020206048;view=1up;seq=9>>. Acesso em: 24
jan. 2018.

Recebido em 30/08/2018. Aceito em 24/10/2018.